

---

**29.4.2019**

**4.29.2019**

**29.4.2019**

*Jandir Jr. \**  
*Universidade Federal Fluminense, Brasil*

---

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v20i34.36361>

299

---

RESUMO: Para: Millena LÍZIA<sup>1</sup> [...] Assunto: *s/d - Invitation to comment*. Oi, milena. [...] eu quero te mostrar um texto meu e pedir uma opinião crítica. Eu escrevi ele de pequenos fôlegos, mas [...] sem voltar atrás no que digitei. Tem um monte de notas [...] nele [...] acho que tudo isso junto fala sobre a relação entre idioma, colonialidade<sup>2</sup> e sua subversão. Eu acho, rs. Pretendo distribuir ele em portas de universidades, impresso no tamanho de um jornal, com letras grandes de manchete<sup>3</sup> [...] O texto pode incorrer em problemas, ou mesmo em apontamentos que eu não conheça. Comentários que gostaria que me viessem de você, da sua orientação fundamental pra mim [...] brigado por tudo desde já! <3,

PALAVRAS-CHAVE: colonialidade; idioma; subversão

---

\* Jandir Jr. é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense. E-mail: mailexpressivo@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6621-9767>

ABSTRACT: To: Millena Lízia [...] Subject: s/d - Invitation to comment. Hi millena. [...] I want to show you a text and ask for a critical opinion. I wrote it of small breaths, but [...] without going back on what I typed. There are a lot of notes [...] in it [...] I think all this together talks about the relationship between language, coloniality and its subversion. I think, lol. I intend to distribute it on university doors, printed in the size of a newspaper, with large headline letters [...] The text may incur problems, or even notes that I do not know. Comments I would like to come from you, from your fundamental orientation to me [...] thanks for everything in advance! <3,

KEYWORDS: coloniality; language; subversion

RESUMEN: Para: Millena Lízia [...] Asunto: s/d - Invitation to comment. Hola millena [...] Quiero enseñarte un texto mío y pedir una opinión crítica. Lo escribí en cortas respiraciones, pero [...] sin volver a lo que escribí. Tiene muchas notas [...] en él [...] creo que todo esto junto habla de la relación entre el lenguaje, la colonialidad y su subversión. Creo, jajaja. Tengo la intención de distribuirlo en las puertas de la universidad, impreso con la dimensión de un periódico, con grandes letras de título [...] El texto puede incurrir en problemas, o incluso notas que yo desconozca. ¡Comentarios que me gustaría que vinieran de ti, desde su orientación fundamental para mí [...] gracias por todo de antemano! <3,

PALABRAS CLAVE: colonialidad; idioma; subversión

Recebido: 12/9/2019; Aprovado: 5/11/2019

Citação recomendada:

JANDIR JR. 29.4.2019. *Poiésis*, Niterói, v. 20, n. 34, p. 299-326, jul./dez. 2019. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v20i34.36361>]

---

29.4.2019

---

301

---

Você odeia ler. E ama ao mesmo tempo. Mas que loucura: ler te faz lembrar daquela vez em que te mostraram que... que você não escreve bem. Que você erra. Lembra? Você rasgou o caderno de caligrafia de tanto apagar. Usou por dois anos aquela merda. Agora aí está: ainda se sabe da sua letra feia. É legível agora, mas continuou feia. Você abre e fecha as páginas escritas pelos homens privilegiados. Admira seus estilos, e condena-se. Você quer matar a língua portuguesa. Mas só sabe escrever nela. Você é monoglota<sup>4</sup>. Você tem raiva. Quer abandonar o como

escrever bonito, essa pergunta maldita. Quer deixar de ler os livros, de ler todos os textos, pondo os colonos aos seus pés, esses que estupraram sua bisavó. Mas ainda assim escrever. Porque o seu texto é um espelho possível. Que te mostra os detalhes que você considerava feios em você: seu uso das vírgulas, o nariz grande, a repetição de expressões, o lábio grosso, a necessidade de escrever num só fluxo de consciência, sem planos prévios, fora a pele escura do seu pai e seu crespo, que há poucas horas você amava, não é mesmo? E aí você vê

que o seu texto é feio porque o olho que o lê ainda é o olho do racista. Por isso: fogo nos racista! Matar o padre branco que há em você<sup>5</sup> é vontade sua. E pôr uma leitura preta às voltas também. Kemética<sup>6</sup>, Malê<sup>7</sup>, pra lembrar também que nem sempre os *jurua*<sup>8</sup> que inscreve os alfabetos<sup>9</sup>. E o alfabeto dos portugueses são florestas, apesar deles. Não são só brancos que escrevem, pondo seus cimentos nas raízes. A sim. E há você, que até tem essa pele branca, talvez a caixola sem ori<sup>10</sup>, um caboclo<sup>11</sup> que não encosta, mas amor, se até você tem problemas com o texto, até aí o racismo faz suas marcas, lhe fazendo lamentar não ser o que imaginava ser: de uma universalidade neutra branca. Lamento. Mas é questão de pele. Risos. E é mesmo: o texto pode mostrar a pele que você tem quando escreve. O texto tem cor, e todo texto que eriça os pelos da nuca da forma culta é você. Quando falo você digo de: você, sua pele escura, sua falta de fortunas fora de sua terra, suas músicas no *spotify*<sup>12</sup>, sua dor aqui, o ônibus que pega lá, lonjão. Todo texto assim é você. Ame, e não pule os parágrafos. Você não precisa disso. As crases? Torce elas a torto e a direito. É certo que seu professor lhe disse: você não sabe usar crase mesmo, não é? E é diferente, profes-

sor. Não é questão que você saiba ou não usar. A questão é que você usa. Nesse mundo onde você foi tacitamente desautorizado ao uso da crase, da elipse, de qualquer uso do idioma e de sua erudição, você usa. E por usá-la como quiser, ataca. Você usa como quiser o idioma. Relembra que não são as letras que vivem. É você quem está vivo, reorganizando letras que seriam estáticas, ou melhor, previsíveis sem suas mãos. O texto faísca. Tzz. Mas você não vai por esse assunto de hackear<sup>13</sup> o idioma. Isso seria por demais render à norma culta, quando tudo que você tem a dizer é: eu posso usar esse idioma. Não há um uso hackeado, ou desviante, ou contrário, ou informal ao idioma desde aqui, de onde você fala. Você aboliu o centro e, com ele, a periferia idiomática. Você disse ao texto branco: agora somos dois, e eu não sou mais sua lacaia, porra! E Isso emputeceu eles. Você é disléxico. E fizeram você desistir do mestrado. Eles te castigam assim. Você é disléxico. Que absurdo te reproverem pela redação do seu *paper*<sup>14</sup>, não por seu conteúdo. Ele era ótimo. Eles não podem ser juizes da forma escrita. Mas são. Ou: analfabetos são eles. Analfabetos funcionais dizem que é você, mas eles o são. Iletrados em sua própria diversidade alfa-

bética. *Petit-nègre*<sup>15</sup>. Você é estrangeira. Evasão do ensino superior<sup>16</sup>. Você tem ran-cor do conhecimento. Quem não lê não po-de escrever. É o que me vem ao ter esse impulso pela escrita. Pouco leio; porque de-veria me expressar por esse meio? Prova-velmente errarei, gramaticalmente, ou es-colherei construções semânticas de mau gosto. Um deles dizia sobre escrever para ser o enunciador, ao invés do enunciado. O *hacker* só faz acontecer o que o sistema permite. Talvez seja então hackear o idio-ma, se for o caso de você ver o uso dor-mente, que ainda não viram eles nas nos-sas palavras. Mas voltando ao estrangei-rismo. Tá, você chegou por aqui, teve mó dificuldade em aprender o português, vez ou outra se vê falhando em como falar. Se sentiu um idiota um tanto de vezes, enrolou a língua mais uma porrada por viajar daqui e se meter lá em Paris. Você sabe, não é fácil. Ainda mais ser latina em solo outro. Mas... e se fosse um rapto que te fizesse es-trangeira? E se fizesse tanto tempo que nem mais você se visse dessa forma? - Vo-cê é estrangeiro? Talvez não mais, real-mente. Talvez você seja índio e mais<sup>17</sup>. E talvez, por isso, tudo tenha mudado. Talvez por isso o branco seja menos<sup>18</sup>. Sua tradi-ção tenha caído. Talvez. ----- , veja, esse

drama todo que temos com o idioma é um projeto de estado - ainda que um projeto implícito, não percebido -; é um projeto de panóptico, de nos meter a sensação de que estamos sendo vigiadas constantemente, que nossos erros serão cobrados, ridiculari-zados em público, que devemos - então, por isso - que devemos ser policiais um das outras, que devemos vigiar e punir<sup>19</sup>. Quem disse que é só pobre preto que passa por isso, ein? Os algozes também sofrem; tam-bém eles estão sob a mira: devem se ade-quar. Apesar de terem introjetado essa merda toda como valor (por serem um tan-to beneficiados e partícipes do que constroi a elitização, a estratificação de todos os la-dos raça-classe-gênero-mulher-e tal), estão sob a mira. pá pum. Devem corrigir os tex-tos. Você errou isso, você erro aquilo, como fulana escreve bem, dizem. Mas você, você mesma, você não fala como um livro<sup>20</sup>. Não tem caô: você já se posicionou<sup>21</sup>. E aqui ca-be dizer como: Você, diferente deles, as-sumiu o pretuguês<sup>22</sup> e mais. Assumiu as transformações que os seus fizeram na líng-ua; assumiu as transformações que as contraculturas fizeram na língua; assumiu as transformações. Gíria, neologismo, as-sumiu a diferença. Toda diferença é plena, toda é toda a diferença. Não há unidade<sup>23</sup>,

não há. Aqui se falam com a língua embrasada. Aqui o fogo toca o primeiro palavreado<sup>24</sup>. O fogo atea sobre qualquer previsibilidade. Os arcaísmos se fazem o novo. As novidades são uma outra tradição. Quer ver: mal sabemos se o que dizemos é português mesmo. Parece que somos influenciadas pelos espanhóis, dizem que em muito pelos ingleses, mas quem não nos garante que seja gerúndio banto, que seja de banto feito o nosso gerúndio<sup>25</sup>. Lembra das atendentes, de quem disse ao telefone, 'estaremos verificando, senhor?'. Como você vê suntuosidade em quando fala assim, em como fala assim porque lhe parece como uma rainha falaria? Então... de que rainha você fala, ein? Mesmo sem saber:: Você tem o rei na barriga. Um rei escalando sua laringe, suas cordas vocais, um rei saindo pela boca. Falar como o rei. Abram caminho para ele. Sorrindo<sup>26</sup>. Ao invés de se curvar, abrir a boca para que daí venha o rei. Falar para que venha. Por isso... é falar como dá. porque é do como dá que ele vem. Não há outro, nada de outra forma, nada de procurar fora, né não? Você investe contra o inglês; ser colonizado de novo não dá<sup>27</sup>. Você não quer falar inglês, cara. Que saco. Você fala inglês sim. Mas que saibam que nunca será menos que será o que esperam de vo-

cê; menos, pouco, não. Não será. Será grande, de uma grandiloquência seu estrangeirismo-quase qualquer coisa, será grande sua fala<sup>28</sup>. Quente. Será. suas palavras são quentes do tanto que investiu em ter elas nas mãos assim como eles. Assim como os seus - de sangue ou de condição - fizeram por aqui. Tomaram o português hirtto e o despedaçaram. despedaçaram. Mano, se liga. cabe aqui reconhecer que até seus próprios desvios linguísticos, involuntários em boa parte das vezes, descentrados de sua consciência como autor, subvertem formalmente a estrutura idiomática hegemônica - e, por consequência, qualquer redação acadêmica que você faça. Por isso, se quiser chamar de arte o que escreve, chame de arte. Se quiser chamar de guerra, chame de guerra. É como arte e guerra, estratégias feitas aos flancos, sem manuais, encarnadas no mistério da criação que ergue alguém como você, que a ilusão quer que se leia como sujeito subjetivo quando... olha, tentam tornar a língua una, essa língua aqui como uma coisa só. Mas... olha, Mim conjugará os verbos. Não adiantará rabiscar o que você escreveu<sup>29</sup>. xô contar procês, Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase irmão / Logo mais vamo arrebrantar no mundão<sup>30</sup>. Você terminou. Finalizou. Sua

língua viva está viva. *Chicana*<sup>31</sup>. Não importa que seja a língua fronteira, de quem se autoriza a falar o inglês e o espanhol do modo como podem, misturando tudo. não. Não tem medo de que te chamem *pocho*<sup>32</sup>. Não. Você enfrentará a academia<sup>33</sup> em sua insistência em te ver como a outra, aquela que não deveria ter a fala, porque não fala de forma correta, ou porque, simplesmente, não compõem alguma elite<sup>34</sup>. Porque você nunca deveria ter feito mais do que seu curso técnico de eletrônica e ter trabalhado naquela empresa que te explorava lá. Você não deveria ter feito a universidade, ele disse<sup>35</sup>. Mas você fez. E você fala de forma correta; incorreto é o mundo. Esse mundo de merda. E sempre há um novo lugar. outro lugar para que você escreva e fale, como uma intelectual<sup>36</sup>. Qualquer quinhão de terra; todas as estradas de terra, sujando a sola dos seus pés: é ali, onde você cresceu. É ali, onde a bala come, é ali. nos madeirites. Tijolos aparentes. Ali, nas vernissages, nos prêmios, nas viagens internacionais. Ali. Todo o lugar, desde que todo o lugar seja também lugar de todos. Ou que seja incômodo toda a separação, nada menos que isso. de preferência mais. Bombas, molotovs. Pedras... ideias que ganham vida e criam asas<sup>37</sup>. Todo artista-pesquisador<sup>38</sup>

tende ir aonde o povo está<sup>39</sup>. Lembrando que: muito provavelmente você foi enquadrado também nessa categoria estranha de povo, em que eles cismam de encaixotar todas. Então, simplesmente você vai. Caminhar é preciso<sup>40</sup>. Ir aonde seja lá quem estiver-esteja é preciso. Seguir: preciso! Que seus avós e avôs tenham netos doutores, que seus pais vistam a camiseta do curso em que vocês ingressaram. Primeira geração, segunda geração na universidade, uni-vos. Antirracistas, ..... libras<sup>41</sup>. Em sua lida com o idioma. a quebra de todos os condicionamentos de perseguição a. O idioma hegemônico também é nosso. Também é seu. Por um plural conjugado com a letra 'a'<sup>42</sup>, sem medos, por pessoas que se vejam pessoas quando reunidas sob o 'a'; que caíam os medos de ser vista como mulher. Ou que caia o 'o' e todos os que o representam. Que caiam, / A bíblia e a gramática cairão do céu católico<sup>43</sup>. huni kuin<sup>44</sup> y krenak<sup>45</sup>. y o manifesto pau-brasil<sup>46</sup> pegando fogo. ou sendo plantado de novo. adubo ou -voltem a ser árvore as folhas que suportaram sua escrita-. volte a escrita a seu lugar qualquer, a ser apenas mais uma técnica<sup>47</sup>. nada mais. volte a tradição ocidental a seu lugar de técnica, nada mais. volte o, volte o, . Volte a vida. O incomen-

surável que há. Volte toda a complexidade. Volte o intransponível, volte. O mar é enorme, uma barreira imensa. Seus monstros submersos. Seu fim. A terra plana<sup>48</sup>, o medo de cair da borda. Os terraplanistas buscam novamente o medo de cair das bordas. Por que? para recuarem. Para finalmente recuar. Sentem, desejam, são antenas dos nossos tempos. Saudades do que os manteve atados ao território. Porque assim, as aldeias permaneceriam. permaneceriam um todo mais complexo que o todo uniforme em que você vive. há contudo o medo: dos quilombos, dos aquilombamentos<sup>49</sup>, do acampamentos terra livre<sup>50</sup>. Há o medo de suas línguas, de seu idi... há medo de você. dizem - mulher falar? pra quê? o que te esperam é o silêncio, ou o barulho que lhe fará ser catalogada como histérica: a outra face do silêncio que querem que você faça<sup>51</sup>. Mal sabem das mães pretas<sup>52</sup>. Mal sabem. Tudo o que se diz aqui, tudo o que vocês dizem, é um telefone sem fio. .... que vocês aprenderam [não foram sozinhos]. Tudo. se fazia silêncio antes disso, sabia? Falar não é qualquer coisa. não poder falar, não ter fala, máscara...<sup>53</sup> Havia medo de lhe tirarem a máscara, do que ouviriam. Mal sabiam de mais uma camada: ainda se está recupe-

rando a fala. Saindo da infância, desse nome que diz que não se pode falar, in-fant. saindo da infantilização que tantas, tantas, tantas recebem por abrirem suas vozes. Como quando sentiu vergonha na sala de aula, e preferiu não falar, sabe? então... era in-fant. quando te disseram que você era muito quietinha, saca? um contramovimento para lhe manter calado. Toda a vergonha de falar em público é em algo ... medo. O trabalho de ter te mantido calada é um que não é tão distante da infantilização, da culpa que imputaram na classe trabalhadora; no papo todo de que os escravizados não trabalhavam, que os indígenas eram preguiçosos para o trabalho braçal, que o banzo era doenzinha de saudade da terra<sup>54</sup>. Mano... e agora isso de que o trabalhador não é proativo, que não é maduro (quantas vezes você e seus pais não ouviram isso dos patrões, quantas vezes seus tantos já não escutaram merdas dessas?), que não rende o suficiente. A vigilância sobre o rendimento da classe trabalhadora, de sua força braçal-attitudinal, coincide com a vigilância exarcebada que 1) você faz sob você mesma com relação a se comunicar em público; 2) a vigilância que outras pessoas fazem sobre seu discurso (porra, ele fala mal! nada a ver o que ele disse aí. como ele é



burro, como usa mal o idioma... ele não sabe falar!!). É por aí que caminha o que eles nunca poderiam prever que viria de sua voz assim que tiraram as máscaras de você. Julgam burrice, mas mal sabem falar seu nome<sup>55</sup>: e não notam que você psicografa a fala de muitos que vieram antes de você. Vozes ecoam... na sua voz<sup>56</sup>. Não é atoa que isso tudo reacia logo sobre você, oriunda de uma família de trabalhadores, de uma favela, da Recai sobre você porque sempre foram os seus que foram controlados, que tiveram seus corpos controlados, que foram açoitados, algemados, empurrados, encarcerados, desempregados... desempregados. É claro que recairia sobre você. O complexo alcança todas as pessoas envolvidas: quem persegue se vê na tarefa intuída, quase irracionalmente, de desqualificar você (mal sabe que é a vontade que responde, em extensão, ao ato que seus antepassados fizeram aos seus); e alcança até você mesmo, suscetível a desqualificação que virá destes. Você está fráglilizado. Você aceita o complexo de inferioridade. Você tem lutado contra, mas como é difícil! Você sabe: o que você ouve de ruim contra você mesmo não corresponde a realidade... não é possível. Mas porque te afeta tanto? Porque você quase acredita,... porque..

porque, por que, porquê, por quê<sup>57</sup>: de novo o uso do português. E será que você as vezes não entende, ou cansa, ou pesa os olhos quando lê porque esse é o plano? porque querem que você não leia<sup>58</sup>, porquê o idioma foi feito para fora de você? Será que ler os textos da faculdade é tão difícil assim por causa disso? Será que é isso que concorre para o risco de que você, cada vez mais, se veja distante da forma como os seus vizinhos falam, os seus amigos falam... sua família diz que você ganhou um sotaque. Seu modo de narrar vem com trejeitos estranhos a eles<sup>59</sup>. E você mal lembra como falar de um novo jeito, mais simples... parece que você mudou. OU parece que você corre o risco de mudar. ou de envergar frente aos textos herméticos da academia. aos textos cheios de complicação. Textos assim fazem você escrever algo como esse que você lê e escreve agora. Algo complicado, mas que testemunha sua simplicidade. Não. Que testemunha sua vontade de reaproximação com o modo que os seus falam. O idioma não é um só. De certa forma, você experimenta algum estrangeirismo. De lá: ao nunca se identificar com essas pessoas que você conheceu da porta pra cá da academia. De cá: já não é o mesmo. Poderia ser chamado de playboy. Mesmo que

não faça sentido, faz algum sentido na cabeça de quem te vê, e mal sabe de onde você veio. Sua língua já não testemunha por você. Como mudar?... Não. você não se preocupa com isso. porque você também não é. Não há como negar, não há a menor possibilidade de você escrever como eles querem, aqui, nessa faculdade<sup>60</sup>. Não. Não há como esquecer que as suas escreveram desde sempre, e o saber da língua não é privilégio, porque não poderia ser. Não. Não há como represar algo assim. O português, malgrado esse nome, já não cabe aos colonizadores. Não. é fragmentado. Podemos falar em línguaS, com 's' maiúsculo no final (que fique entendível para quem ouvir esse texto, ao invés de lê-lo). Aliás, é preciso saber: há quem ouvirá, ao invés de ler seus textos. Há de se pensar nisso. Você ouvirá o texto, você quer que a equidade, ou mesmo a destruição lance gênero-sexual, seja você, passe por você quando se tratar da linguagem. É preciso, você diz, é preciso mais que isso<sup>61</sup>. Você reivindica a escola que ensinará a sua língua, forjada com o aço dessa matéria que os portugueses, até então... eles ainda não sabiam os usos que isso aqui ia tomar, rs. Há de vir essa escola que ensinará<sup>62</sup>. ensinar o que já sabemos? apesar que isso, né? você precisa de esco-

la? Sim, se você leva em consideração que é o pobre quem deve ler<sup>63</sup>. Porque daí virá que eu vi<sup>64</sup>. Sempre soube: o mundo todo nas mãos calejadas de quem o ergueu. nesse caso: o mundo todo nas línguas até então silenciosas de quem o ergueu. Por isso, você, que agora aí se encontra frente ao texto, lendo, ou melhor, prestes a escrevê-lo, lembra: A batalha do escritor contra seu escrito, burilando a peça literária com sofrimento, dia após dia, nada mais é que uma batalha racial e classista, capacitista e masculinista, uma batalha em que a escritora mantém-se lutando contra si mesma, lutando o uso coloquial que ela mesma tem do idioma versus o uso cheio de arcaísmos, cheio de pompas, o do que chamam de norma culta, que nada mais é que o primeiro homem branco que se preocupou com os pontos e vírgulas que iria pontuar em sua carta endereçada novamente ao seu berço português. Carta sem usos feminizados, universalista como um homem deve ser, sem distrações emotivas<sup>65</sup>. Um uso do idioma que massageie o ego dos que leem camões<sup>66</sup>. Por isso, lembremos que já não somos, já não somas. extirpar do português hegemônico seu lugar de centralidade em nossa própria língua de carne, babada e sem aftas, é fundamental para que... para

que falemos. Você fala! Para de se preocupar com esse texto, porra! :) e no mais Você e as suas, e as suas escrituras<sup>67</sup>. ter mais que a força de suportar uma civilização<sup>68</sup>. Criar uma. Que seja essa. Nem precisa importar de fora do país<sup>69</sup>. Já se está fora de qualquer país. O Brasil é um todo sem centro. O Brasil é oco. O Brasil é meu abismo<sup>70</sup>. Ainda assim, você redige. Mesmo sem saber como começar ou terminar<sup>71</sup>. ler é sacrificante, mas escrever... e falar: simplesmente tem sido. Tem sido. Seguindo.. ..

## Notas

<sup>1</sup> “Sou uma pessoa vivendo este mundo em busca de uma caminhada com dignidades e saúdes. Busco as simplicidades, pois as coisas mais banais me chegam com camadas de desafios e complexidades. Venho colaborando desde 2011 com diversos encontros, produções e exposições coletivas. Dentre minhas formações institucionalizadas estão o mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes (2018) pela Universidade Federal Fluminense, o curso de Montagem Cinematográfica e Edições de Vídeos (2012) pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro e a graduação em Design Gráfico pelo Instituto Federal Fluminense (2009). Sou pesquisadora e artista contemporânea-ancestral, que assim venho me organizando desde as agitações diaspóricas das experiências pictóricas-epidérmicas vividas - apenas mais uma forma possível de apresentação, que deseja apontar que meu campo de atuação é a do imaginário.”

<sup>2</sup> “A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América.” (QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do Poder e Classificação Social. In Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina. 2009. p. 73.)

<sup>3</sup> No dia 29 de abril de 2019, enviei um e-mail para Milena Lízia, amiga, artista, educadora, intelectual, para conversar sobre um texto que eu havia escrito. Nele, escrevi sem voltar atrás ou corrigir qualquer erro de digitação ou ideia pouco elaborada. Escrevi esse texto também num só parágrafo, imenso, que ocupava páginas e páginas. Seu tamanho também se tornou maior pelo tanto de notas de rodapé que anexe a ele: tantas

que, por vezes, elas tomavam mais da página do que o próprio texto em sua escritura. Era um texto que desabafava, enfim, sobre a própria leitura e escrita; sobre o mal-estar com relação à colonialidade no nosso idioma oficial e seus usos idiomáticos tidos por corretos. Ainda que apontasse para nossas subversões linguísticas e para a própria natureza contra-hegemônica do português brasileiro, não sem dores o fazia, ciente da ambivalência irresolúvel dessa equação que subtrai de pessoas racializadas, isto é, das que fazem usos dissidentes da língua, sua autoestima. Mas ela, Millena, me disse uma coisa. Dentre muitas coisas, Millena me disse e ainda me diz que sabemos das gentes negras cindidas, sabemos de suas dores, dos instrumentos de suplício da escravização. Mas resta nesta constatação a curiosidade perpétua em saber como, em que pessoas negras poderiam viver em plenitude, saudáveis e felizes. E, nesse caso do meu texto, em como poderíamos escrever como uma afirmação de saúde, e não de uma doença contraída como uma dessas pestilentas que desembarcaram das caravelas junto com os colonizadores. Meu texto comunica nossa fragmentação como escritoras cindidas em sua confiança porque tenho nisso, na verdade, a vontade de procurar nossa plenitude. Foi o que pensei depois do que ela disse. E pela vontade enorme de oferecer ainda mais saúde, apesar dos cortes poucos cicatrizados em minha própria psiquê, decidi não mais distribuir o texto. Decidi não mais imprimi-lo e doa-lo em portas de universidades, como quis anteriormente. Decidi não mais fazer dele uma publicação em formato jornal, com letras de manchete enormes. O quero mostrar, lê-lo, publica-lo aqui, é verdade. Mas desde que venha acompanhado desse preâmbulo que agora e aqui escrevo. Para que não mais esse texto seja um grito de dor somente, ou uma análise cheia de dúvidas. Que suas palavras e as notas que as acompanham sejam guias, para mim e para nós. Mas que nos guiem, enfim, à nossa própria saúde. Que empunhemos canetas, lápis e teclados para nos vermos como tais, e não como menos do que verdadeiramente somos.

<sup>4</sup> “[...] todo o nosso código, toda a nossa sintaxe, toda a nossa expressão é construída com esse idioma que nos uniu pela escravidão, que é o português. Eu tenho que subverter essa língua o tempo todo porque não falo nenhuma das línguas africanas, e falo muito mal o inglês e o espanhol, que também são línguas de dominadores. As circunstâncias exigem que eu seja um monoglota em português, então eu mexo, e bulo com esse português ao extremo possível.” (SEMOG, Elé. Na literatura negra, a vida é só um poema de luta. In *O que nos a bala*. Disponível em <<https://www.oquenosabala.com/literatura-negra.html>> último acesso em 17/03/2019.)

<sup>5</sup> “Esta língua tupi, que os jesuítas aprenderam e ajudaram a disseminar, era uma dentre as inúmeras línguas faladas por diferentes grupos indígenas existentes no Brasil à época da descoberta, que foi por eles escolhida para ser “domesticada”, literalizada e ensinada. Por outro lado, levantavam uma barreira à desintegração da herança cultural, defendiam o português contra as influências negras ou indígenas, que “ameaçavam a um tempo a língua pátria, a autoridade da Igreja, a moral e os costumes”. [...] Muito embora “mães negras e mucamas, escreve Gilberto Freire, aliadas aos meninos, às meninas, às moças brancas das casas-grandes, criaram um português diverso do hirto e gramatical que os jesuítas tentaram ensinar aos meninos índios e semibrancos, alunos de seus colégios; do português reinol que os padres tiveram o sonho vão de conservar no Brasil”. [...] [Mas] Esta obra de assimilação e uniformização - agindo em duas frentes: na da língua materna tupi e na da língua portuguesa oficial - não foi sem consequência para a vida nacional, como reconhece o próprio autor, “superimpondo à naturalidade das diferentes línguas regionais uma só - a geral; acabando com os costumes das populações aborígenes ao seu alcance e levando os meninos índios a abominar os usos de seus progenitores.” (SILVA, Mariza Vieira da. *História da alfabetização no Brasil: a constituição de sentidos e do*

*sujeito da escolarização*. 1998. 267f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em <<http://www.ucb.br/sites/100/165/TeseseDissertacoes/HistoriadaalfabetizacaoBrasil.pdf>> último acesso em 08/04/2019. p. 89. Trecho entre colchetes por mim.)

<sup>6</sup> “O termo Kemet refere-se ao nome do antigo Egito [...] local de produção dos primeiros textos de filosofia africana” (PONTES, Katiúscia Ribeiro. *Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03*. 93f.; enc. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2017. Excerto da primeira nota de rodapé de sua dissertação)

<sup>7</sup> “Chegando a Salvador, esses negros, em geral islami- zados, portadores em geral de um grau considerável de escolaridade e consciência política, com visão e experiência militar, com maior capacidade de organização e conhecendo técnicas mais novas de fabricação e uso de armas, provavelmente transmitiam aos outros negros, juntamente com as informações sobre o que se passava na África, o germe da revolta e da insubmissão.” (LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 71.)

<sup>8</sup> “juruá: s. Não-índio, alienígena.” (DOOLEY, Robert A.; FLORENTINO, Nelson; VERÍSSIMO, Arlindo Tupã; VERÍSSIMO, Sebastião Poty et al. *Léxico guarani, dialeto mbyá*. Curitiba: Sociedade Internacional de Linguística, 1998. Disponível em [http://www.geocities.ws/indiosbr\\_nicolai/dooley/gndc.html](http://www.geocities.ws/indiosbr_nicolai/dooley/gndc.html)> último acesso em 17/03/2019.)

<sup>9</sup> “Eu não tenho velhos livros como eles, nos quais estão desenhadas as histórias dos meus antepassados. As palavras dos *xapiri* estão gravadas no meu pensamento, no mais fundo de mim. São as palavras de *Omama*. São

muito antigas, mas os xamãs as renovam o tempo todo. Desde sempre, elas vêm protegendo a floresta e seus habitantes. Agora é minha vez de possuí-las. Mais tarde, elas entrarão na mente de meus filhos e genros, e depois, na dos filhos e genros deles. Então será a vez deles de fazê-las novas. Isso vai continuar pelos tempos afora, para sempre. Dessa forma, elas jamais desaparecerão. Ficarão sempre no nosso pensamento, mesmo que os brancos joguem fora as peles de papel deste livro em que elas estão agora desenhadas; mesmo que os missionários, que nós chamamos de “gente de *Teosi*”, não parem de dizer que são mentiras. Não poderão ser destruídas pela água ou pelo fogo. Não envelhecerão como as que ficam coladas em peles de imagens tiradas de árvores mortas. Muito tempo depois de eu já ter deixado de existir, elas continuarão tão novas e fortes como agora. São essas palavras que pedi para você fixar nesse papel, para dá-las aos brancos que quiserem conhecer seu desenho. Quem sabe assim eles finalmente darão ouvidos ao que dizem os habitantes da floresta, e começarão a pensar com mais retidão a seu respeito?” (KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras. 2015. p. 65-66.)

<sup>10</sup> “Orí é usado para se referenciar a 2 coisas principais. A primeira é a nossa cabeça. Cabeça é Orí. Os yorubá entendem que a cabeça é uma parte importante do corpo e nela reside aspectos marcantes de nossa vida. Nossa consciência está na nossa cabeça bem como os componentes adicionais e auxiliares também estão. A cabeça é o repositório de nossa Axé (aşé), da ligação com nosso orixá (Òrìşà) e da ligação com o nosso passado e ancestralidade.” (ARINO, Babalaô Marcos. Ori o guardião do nosso destino - Orientações e explicações de como entender, se equilibrar e viver melhor através de Orí. In *Revista Olorun*. n. 45, dez. 2016. Disponível em <https://revistaolorun.files.wordpress.com/2018/10/revista-olorun-45.pdf>> último acesso em 04/04/2019. p. 8.)

<sup>11</sup> Cf. Umbanda.

<sup>12</sup> *Spotify* [2008-] é um serviço de *streaming* de música, *podcast* e vídeo. Disponível em <<https://www.spotify.com/br/>> último acesso em 17/03/2019.

<sup>13</sup> “[Há] um monte de definições do termo “hacker”, a maioria deles tendo a ver com aptidão técnica e um prazer em resolver problemas e superar limites. [...] [Mas a] mentalidade hacker não é confinada a esta cultura do hacker-de-software. Há pessoas que aplicam a atitude hacker em outras coisas, como eletrônica ou música -- na verdade, você pode encontrá-la nos níveis mais altos de qualquer ciência ou arte. Hackers de software reconhecem esses espíritos aparentados de outros lugares e podem chamá-los de “hackers” também -- e alguns alegam que a natureza hacker é realmente independente da mídia particular em que o hacker trabalha.” (RAYMOND, Eric Steven. Como se tornar um Hacker. In *Rede Linux IME USP*. 05/06/1998. Disponível em <<https://linux.ime.usp.br/~rcaetano/docs/hacker-howto-pt.html>> último acesso em 10/04/2019. Trechos entre colchetes por mim.)

<sup>14</sup> Termo em inglês usualmente utilizado em meios universitários para nomear trabalhos acadêmicos realizados em texto.

<sup>15</sup> “Petit-nègre, literalmente preto-pequeno ou pretinho, é a expressão utilizada para designar uma língua híbrida, um patoá sumário criado no mundo colonial francês, mistura da língua francesa com várias línguas africanas. O termo patoá (patois) designa os diversos dialetos regionais da França metropolitana.” (FANON, Franz. O negro e a linguagem. In *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 35. Nota do tradutor Renato da Silveira) “Minha mãe querendo um filho memorandum / se sua lição de história não está bem sabida / você não irá à missa de domingo / com sua domingueira / esse menino será a vergonha do nosso

nome / esse menino será nosso Deus-nos-acuda / cale a boca, já lhe disse que você tem de falar francês / o francês da França / o francês do francês / o francês francês.” (DAMAS, Léon-Gontran. Hoquet. In *Pigments*. Paris: G.L.M. 1937. apud FANON, Franz. O negro e a linguagem. In *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 36.)

<sup>16</sup> “Sou originário do Gabão, país de língua oficial francesa. Fui criado num ambiente onde se falava mais de uma língua: as línguas bantas do Gabão e o francês. [...] Quanto à minha experiência na aprendizagem do português brasileiro, ela começou no Gabão quando soube que tinha obtido uma bolsa de estudo do governo gabonês para estudar Administração no Brasil. [...] Na FEA [Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo], fui confrontado com outra realidade: era o único aluno negro da turma, mal falava o português. Fui vítima de piadas até de um professor. Não era convidado a integrar nenhuma panelinha pelos colegas, burgueses na sua maioria. Lá, aprendi a me enxergar como uma cor, a cor do pobre e de tudo que tem de negativo visto pela burguesia ocidental em geral. Logo percebi que estava no lugar errado. Essas foram as razões que me fizeram pedir a mudança de curso ao Ministério da Educação (o MEC) em Brasília.” (OKOUDOWA, Bruno. Experiência de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil. In *Anais do I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Simpósio 13 - Experiências de aprendizagem do português no Brasil e fora do Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2008. Disponível em <<http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S1301.pdf>> último acesso em 23/04/2019. p.1-6. Trecho entre colchetes por mim.)

<sup>17</sup> “Como uma cultura, nos chamamos espanhóis, quando nos referimos a nós mesmos como um grupo linguístico e quando nos intimidamos. É então que esquecemos nossos genes indígenas predominantes. Nós somos 70% ou 80% indígenas.” (ANZALDUÁ, Gloria. Como domar uma língua selvagem. In *Cadernos de Letras da*

UFF - Dossiê: *Difusão da língua portuguesa*. n. 39. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2009. p. 315.)

<sup>18</sup> “escrebo palabras en espanol americano --- [me parece chistoso que se diga espanol latino \_un pleonasmo\_ ya que esta lengua hablada donde sea tiene su origen latina ahi donde se empiezo el império romano; lo mejor me parece seria dizer espanol azteca, espanol maya, espanol kuna, espanol inca aimará, espanol guarani y por ahi seguimos... parece que los latinos ahora somos nosotros, ya no son los espanoles, portugueses, franceses, italianos romanos-los. \_\_\_ latinos haora somos nosotros, los indígenas y negros de américa al sur de los estados unidos]---pienso estas palabras entre las olas desde la isla de cuba castrista hasta el belize britânico passando por guatemala maya y mexico azteca. \_\_\_serian latinos tambien los nacidos en belize y los tantos puntos de habla anglofona en caribe y suriname? --me emociona el guarani oficial, habado en paraguay tan cerquita de casa, que “contamina” el latin de espana--- deseo un guarani oficial en mi pais y otras muchas hablas indígenas en los documentos oficiales de américa...\_deseo tambien lo que hay de banto, mina, benguela, arabi, male, yoruba y toda suerte de lenguas africanas que se transladaron a américa\_ deso que la légua de nuestra gente dé vueltas y revueltas a reaprender la lengua de nuestros ancestros.

-----  
-----  
do brasil chego ao méxico com passagem panamenha\_ ahi no aeroporto benito juarez [ primeiro presidente indigena do méxico pos espano-colonia]ha uma fila separada para os que vem de sudamerica, o único menos branco que vejo na revista eh EU nas maos de uma policia com pele indígena que extranha o meu falar espano-americano.pra ela quiza seja EU de cuba ou afrocolombia.” (NAZARETH, Paulo. Panfleto em papel jornal, de dimensões de 14.8 X 21 cm., feito pelo artista visual. O adquiri em distribuição gratuita na exposição *Arte, Democracia Utopia - Quem não luta tá morto*,

realizada no Museu de Arte do Rio entre 14 de setembro de 2018 e 31 de março de 2019.)

<sup>19</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes. 1987.

<sup>20</sup> “Em um grupo de jovens antilhanos, aquele que se exprime bem, que possui o domínio da língua, é muito temido; é preciso tomar cuidado com ele, é um quase-branco. Na França se diz: falar como um livro. Na Martinica: falar como um branco.” (FANON, Franz. O negro e a linguagem. In *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 36.)

<sup>21</sup> “Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.” (FANON, Franz. O negro e a linguagem. In *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 34.)

<sup>22</sup> “É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês.” (GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In *Revista Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Anpocs. 1984. p. 238.)

<sup>23</sup> “A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única,

mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua.” (Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1998. p. 29. apud BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. São Paulo: Edições Loyola. 2007. p. 18.)

<sup>24</sup> “Somos seu pesadelo linguístico, sua aberração linguística, sua *mestizaje* linguística, o sujeito da sua burla. Porque falamos com línguas de fogo nós somos culturalmente crucificados. Racialmente, culturalmente e linguisticamente somos *huérfanos* - nós falamos uma língua órfã.” (ANZALDUÁ, Gloria. Como domar uma língua selvagem. In *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da língua portuguesa*. n. 39. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2009. p. 310.)

<sup>25</sup> “Bom, e têm aquel\_s que acreditam que a profusão do uso do gerúndio no Brasil se dá por uma influência da língua inglesa, mas se a gente se depara com palavras bantanas adotadas em nossas falas - como marimbondo, tanga, quitanda, bunda, ginga, xinga, capanga, samba, umbanda, denço, e tantas outras - a gente pode é tomar uma via de aposta de intuir que é de uma perspectiva ao sul por onde se manifestam nossos caminhando(s) e por onde se produz nossos inventos, ainda que a gente nem se dê conta, pois nem todo segredo nos é revelado, apesar de *tá tendo*.” (LÍZIA, Millena. *FAÇO FAXINA: bases contraontológicas para um começo de conversa sobre uma experiência epidérmica imunda*. Dissertação de Mestrado em Estudos dos Processos Artísticos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes. Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2018. p. 158.)

<sup>26</sup> “Abram caminho para o rei / Sorriam em vez de se curvar” (METÁ METÁ. Obá Iná. In *Metá Metá*. São Paulo: Desmonta. 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zODbiRuHpsQ>> último acesso em 23/04/2019.)

<sup>27</sup> “Perto do fim deste século, o inglês, e não o espanhol, será a língua materna da maioria dos chicanos e latinos.” (ANZALDUÁ, Gloria. Como domar uma língua selvagem. In *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da língua portuguesa*. n. 39. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2009. p. 311.) “Abdias Nascimento [1914-2011], um poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos das populações negras], apesar de morar fora há alguns anos, não falava inglês com fluência, afirmando que ceder ao idioma estrangeiro seria como ser colonizado duas vezes.” (ITAÚ CULTURAL. *Exílio. In Ocupação Abdias Nascimento*. São Paulo: Itaú Cultural. 2016. Disponível em <<http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/exilio/>> último acesso em 22/04/2019. Trecho entre colchetes por mim.)

<sup>28</sup> “Historicamente é preciso compreender que o negro quer falar o francês porque é a chave susceptível de abrir as portas que, há apenas cinquenta anos, ainda lhes eram interditadas. Encontramos nos antilhanos que se enquadram na nossa descrição uma procura de sutilezas, de raridades de linguagem — outros tantos meios de provar a eles próprios que se ajustam à cultura dominante. Já foi dito que os oradores antilhanos têm um poder de expressão que deixaria os europeus boquiabertos. Vem-me à mente um fato significativo: em 1945, na época das campanhas eleitorais, o poeta Aimé Césaire, candidato a deputado, falava na escola para rapazes de Fort-de-France diante de um auditório numeroso. No meio da conferência, uma mulher desmaiou. No dia seguinte, um amigo, relatando o acontecido, comentava-o da seguinte maneira: “Français a té tellement chaud que la femme là tombé malcadi” [“O



francês (a elegância da forma) era tão quente que a mulher entrou em transe”].” (FANON, Franz. *O negro e a linguagem*. In *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 50. Trecho entre colchetes com a tradução de Renato da Silveira.)

<sup>29</sup> “‘Michelle, me responda, por favor. Qual a palavra certa que você tinha que colocar no lugar de ‘mim’?’ Eu, com toda a minha sinceridade, respondi: ‘Desculpa minha ignorância, minha formação, mas não sei te responder’. Ele, já nervoso, achando que eu estava tirando sarro, pegou a caneta e começou a escrever, com força, em cima. ‘O certo é ‘EU’, ‘EU’, ‘EU’, ‘EU’. Não é ‘mim’. Aprenda isso e nunca mais cometa o mesmo erro’.” (MURTA, Michelle Andréa. *Eu, eu mesma e o português: experiência dos meus (des)encontros com a língua portuguesa*. In *Revista X*. v. 13. n. 1. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2018. p. 257.)

<sup>30</sup> RACIONAIS MC’S. *Vida Loka II*. In *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*. v. 2. São Paulo: Cosa Nostra. 2002. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ef6dPbX8NuE>> último acesso em 25/04/2019.

<sup>31</sup> “O espanhol chicano é considerado deficiente pelos puristas e, pela maioria dos latinos, uma mutilação do espanhol. Mas o espanhol chicano é uma língua fronteiriça que se desenvolveu naturalmente. [...] O espanhol chicano não é incorreto, é uma língua viva.” (ANZALDUÁ, Gloria. *Como domar uma língua selvagem*. In *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da língua portuguesa*. n. 39. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2009. p. 307.)

<sup>32</sup> “Pocho: forma pejorativa para se referir a pessoas latino-americanas nascidas e/ou criadas nos E.U.A; literalmente, fruta podre.” (ANZALDUÁ, Gloria. *Como domar uma língua selvagem*. In *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da língua portuguesa*. n. 39. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2009. p. 317.

Nota das tradutoras.) “O pocho é um mexicano anglicizado ou um americano de origem mexicana que fala espanhol com um sotaque característico dos norte-americanos e que distorce e reconstrói a língua de acordo com a influência do inglês.” (ANZALDUÁ, Gloria. *Como domar uma língua selvagem*. In *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da língua portuguesa*. n. 39. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2009. p. 309.)

<sup>33</sup> “Os professores afirmavam que eu devia ter fluência no português, pois eu receberia o diploma de mestre em língua portuguesa, e eu insistia: “Eu não quero língua portuguesa, não vou dar aula de língua portuguesa. Quero apenas me especializar em linguística, e meu foco é a língua de sinais”. Foi uma situação muito chata, me senti muito magoada. Por não ter tanta fluência no português, não atendi às exigências e perdi a bolsa da Capes no segundo ano. Acreditem: eu pago por ela até hoje. Tenho certeza de que, se eu fosse fera no português, não teria perdido, mas enfim... Foi mais um desencontro com o português, mais um assombramento, mais uma luta.” (MURTA, Michelle Andréa. *Eu, eu mesma e o português: experiência dos meus (des)encontros com a língua portuguesa*. In *Revista X*. v. 13. n. 1. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2018. p. 258.)

<sup>34</sup> ““As universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual, que não é a mesma elite econômica [do país]”, declarou Rodríguez.” (CARTA EDUCAÇÃO. “As universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual”, diz ministro da educação. In *Carta Educação - Carta Capital*. São Paulo: Editora Confiança. 28 de janeiro de 2019. Disponível em <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/as-universidades-devem-ficar-reservadas-para-uma-elite-intelectual-diz-ministro-da-educacao/>> último acesso em 22/04/2019.)

<sup>35</sup> “A ideia de universidade para todos não existe”. A declaração do Ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, dada ao *Valor* e divulgada na segunda-feira 28 [01/2019], foi utilizada para justificar a manutenção do ensino técnico como um dos principais pilares da Reforma do Ensino Médio, aprovada por Medida Provisória no ano passado, no governo Temer.” (CARTA EDUCAÇÃO. “As universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual”, diz ministro da educação. In *Carta Educação - Carta Capital*. São Paulo: Editora Confiança. 28 de janeiro de 2019. Disponível em <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/as-universidades-devem-ficar-reservadas-para-uma-elite-intelectual-diz-ministro-da-educacao/>> último acesso em 22/04/2019.)

<sup>36</sup> “O trabalho intelectual só nos aliena de comunidades negras quando não relacionamos ou dividimos nossas preocupações por miríades de interesses. Essa divisão tem de transcender a palavra escrita, já que tantos companheiros negros mal são alfabetizados ou são analfabetos. Falando em igrejas e lares, de maneiras formais e informais podemos compartilhar o trabalho que fazemos. Reconhecendo que a recompensa, a compreensão e o reconhecimento vêm, podem vir e nos virão de lugares não convencionais, e valorizando essas fontes de afirmação, os intelectuais negros chamam a atenção para um contra-sistema hegemônico de legitimação e valorização que, em conjunção com a obra que fazemos em instituições ou como uma alternativa a ela, pode legitimar e apoiar nosso trabalho.” (HOOKS, bell. *Intelectuais negros*. In *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC. v. 3. n. 2. 1995. p. 476.)

<sup>37</sup> “Pedras são sonhos na mão, voam na imensidão / Ideias que ganham vida e criam asas.” (EL EFECTO. *Pedras e Sonhos*. Rio de Janeiro: [produção independente]. 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=EKPceNEVBLo>> último acesso em 25/04/2019.)

<sup>38</sup> “Não há como escapar desta máxima: dentro da universidade, o trabalho de arte se transforma em pesquisa e o artista em pesquisador. Escreve-se “artista-pesquisador”, portanto, e temos aí um outro personagem, com suas peculiaridades” (BASBAUM, Ricardo. O artista como pesquisador. In *Manual do Artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue. 2013. p. 194.)

<sup>39</sup> Cf. NASCIMENTO, Milton. Nos bailes da vida. In *Caçador de mim*. São Paulo: Ariola. 1981. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=djapqytpvuw>> último acesso em 25/04/2019.

<sup>40</sup> “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: / “Navegar é preciso; viver não é preciso”. (PESSOA, Fernando. *Navegar é Preciso*. In *Jornal de poesia*. Disponível em <<http://jornaldepoesia.jor.br/f-peso05.html>> último acesso em 25/04/2019.)

<sup>41</sup> “[...] em 1880 aconteceu na Itália o conhecido Congresso de Milão, que reuniu representantes de inúmeros países, profissionais da área, ouvintes, que com a maioria dos votos decidiram sobre a proibição do uso das línguas de sinais e, nesse sentido, traçaram uma vida de prejuízos graves para muitas gerações de surdos no Brasil e fora do país.” (RAMOS, Bruno. *O Uso de Transferências em Narrativas Produzidas em Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (mestrado). 141 p. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis. 2017. p. 22.) “[...] a própria Constituição Federal de 1988 ignorou completamente a Libras, que foi reconhecida pelo Estado como uma língua da comunidade surda brasileira somente em 2002, com a publicação da lei 10.436.” (MURTA, Michelle Andréa. Eu, eu mesma e o português: experiência dos meus (des)encontros com a língua portuguesa. In *Revista X*. v. 13. n. 1. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2018. p. 255.) “[...] Esse longo período de sofrimento e desinformação, em que os surdos eram subordinados à vontade dos ouvintes

tes e subjugados à soberania ouvintista, gera discussões e polêmicas que perduram até os dias atuais. Discussões que permeiam uma luta evidente da comunidade surda que se fortaleceu ao longo dos anos.” (RAMOS, Bruno. *O Uso de Transferências em Narrativas Produzidas em Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (mestrado). 141 p. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis. 2017. p. 23.)

<sup>42</sup> “Somos privadas do nosso feminino pelo plural masculino. A linguagem é um discurso masculino.” (ANZALDUÁ, Gloria. *Como domar uma língua selvagem*. In *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da língua portuguesa*. n. 39. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2009. p. 306.)

<sup>43</sup> “[No Brasil colônia se] engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos mestiços, cuja principal característica é o fato de que a noção de unidade sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa [...] [E nesse] novo e infatigável movimento de oposição - de mancha racial, de sabotagem dos valores culturais e sociais impostos pelos conquistadores -, uma transformação maior se opera na superfície, mas que afeta definitivamente a correção dos dois sistemas principais que contribuíram para a propagação da cultura ocidental entre nós: o código linguístico e o código religioso. Esses códigos perdem seu estatuto de pureza e pouco a pouco se deixam enriquecer por novas aquisições, por miúdas metamorfoses, por estranhas corrupções, que transformam a integridade do Livro Santo e do Dicionário e da Gramática europeus.” (SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos - ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco. 2000. p. 15-16. Trechos entre colchetes por mim.)

<sup>44</sup> Huni Kuin é a autodenominação de uma etnia indígena também nomeada por Kaxinawá.

<sup>45</sup> Krenak ou Borun denomina uma etnia indígena.

<sup>46</sup> Cf. ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1972. p. 4-10.

<sup>47</sup> “Para mim e para meu povo [os Krenak], ler e escrever é uma técnica, da mesma maneira que alguém pode aprender a dirigir um carro ou a operar uma máquina. Então a gente opera essas coisas, mas nós damos a ela a exata dimensão que têm. Escrever e ler para mim não é uma virtude maior do que andar, nadar, subir em árvores, correr, caçar, fazer um balaio, um arco, uma flecha ou uma canoa”. (KRENAK, Ailton; COHN, Sergio (Org.). *Encontros | Ailton Krenak*. Rio de Janeiro: Azougue. 2015. p. 85. Trecho entre colchetes por mim.)

<sup>48</sup> Cf. *BEHIND The Curve*. Direção: Daniel J. Clark. [s.l.]: Netflix. 2019. Disponível em <<https://www.netflix.com/br/>> último acesso em 28/04/2019. 96 minutos.

<sup>49</sup> “Só um meio havia eficaz e efetivo para verdadeiramente se reduzirem, que era concedendo-lhe Sua Majestade e todos seus senhores espontânea, liberal e segura liberdade, vivendo naqueles sítios como os outros índios e gentios livres, e que então os padres fossem seus párocos e os doutrinassem como aos demais. Porém essa mesma liberdade assim considerada seria a total destruição do Brasil, porque conhecendo os demais negros que por este meio tinham conseguido o ficar livres, cada cidade, cada vila, cada lugar, cada engenho, seriam logo outros tantos Palmares, fugindo e passando-se aos matos com todo o seu cabedal, que não é outro mais que o próprio corpo.” (Padre Antonio Vieira ao Rei de Portugal, 2 de julho de 1691. In *A DESTRUIÇÃO DE ANGOLA JANGA (DOCUMENTOS PALMARES, 1671 a 1700)*. Salvador: P555 Edições. 2006. apud D’SALETE, Marcelo. *Angola Janga: uma história de Palmares*. São Paulo: Veneta. 2017. p. 278.)

<sup>50</sup> Cf. MARQUES, Marília. Indígenas fecham parte da Esplanada dos Ministérios em protesto do Acampamento Terra Livre. In *G1 - DF*. 26 de abril de 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/04/26/indigenas-fecham-parte-da-esplanada-dos-ministerios-em-protesto-do-acampamento-terra-livre.ghtml>> último acesso em 27/04/2019.

<sup>51</sup> “Bocuda, respondona, fofoqueira, bocagrande, questionadora, leva-e-traz são todos signos para quem é malcriada. Na minha cultura, todas essas palavras são depreciativas se aplicadas a mulheres - eu nunca as ouvi aplicadas a homens.” (ANZALDUÁ, Gloria. Como domar uma língua selvagem. In *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da língua portuguesa*. n. 39. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2009. p. 306.)

<sup>52</sup> “A cultura brasileira é uma cultura negra por excelência, até o português que falamos aqui é diferente do português de Portugal. Nosso português não é português é “pretuguês”. Se a gente levar em consideração, por exemplo, a atuação da mulher negra, a chamada “mãe preta”, que o branco quer adotar como exemplo do negro integrado, que aceitou a democracia etc. e tal, ela, na realidade, tem um papel importantíssimo como sujeito, suposto saber nas bases mesmo da formação da cultura brasileira, na medida em que ela passa, ao aleitar as crianças brancas e ao falar o seu português (com todo um acento de Kinbundo, de Ambundo, enfim, das línguas africanas), é ela que vai passar pro brasileiro, de um modo geral, esse tipo de pronúncia, um modo de ser, de sentir e de pensar.” (GONZALEZ, Lélia. Lélia fala de Lélia. In *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC. v. 2. n. 2. 1994. p. 384-385.)

<sup>53</sup> “[A] máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula

la e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos/as escravizados/as comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura. [...] A máscara, portanto, levanta muitas questões: por que deve a boca do sujeito Negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem que ficar calado(a)? O que poderia o sujeito Negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca selada? E o que o sujeito branco teria que ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o(a) colonizado(a) falar, o(a) colonizador(a) terá que ouvir e seria forçado(a) a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do ‘Outro’. Verdades que têm sido negadas, reprimidas e mantidas guardadas, como segredos.” (KILOMBA, Grada [tradução: DE JESUS, Jessica Oliveira]. A Máscara. In *Cadernos De Literatura Em Tradução*. n. 16. São Paulo: FFLCH/USP. 2016. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286>> último acesso em 09/04/2019. p. 172-177. Trecho entre colchetes por mim.) “O que é que vocês esperavam quando tiraram a mordaca que fechava essas bocas negras? Que elas entoassem hinos de louvação? Que as cabeças que nossos pais curvaram até o chão pela força, quando se erguessem, revelassem adoração nos olhos?” (SARTRE, Jean-Paul. *Orphée noir*. prefácio à *Anthologie de la poésie nègre et malgache de langue française*. Paris: PUF. 1948. apud FANON, Franz. *O negro e a linguagem*. In *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 43.)

<sup>54</sup> “Aprendemos com os historiadores que os negros importados da África traziam consigo, muitas vezes, a vocação para a tristeza. A partir da viagem até a chegada às nossas costas, apresentavam estados de definhamento, ficavam parados, e a própria expressão Banzo, suporta de procedência angolana, reflete seguramente

uma nostalgia, uma saudade da terra.” (DALGALAR-RONDO, Paulo; SANTOS, Sílvia Maria Azevedo dos; ODA, Ana Maria Raimundo. A psiquiatria transcultural no Brasil: Rubim de Pinho e as “psicoses” da cultura nacional. In *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v. 25. n. 1. São Paulo: Associação Brasileira de Psiquiatria Mar. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462003000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462003000100015&lng=en&nrm=iso)>. último acesso em 27/04/2019.) “[Contudo,] Nos relatos do naturalista alemão Von Martius, de 1844, este pesquisador descreve o Banzo tanto em negros escravos como em populações indígenas brasileiras nativas, mostrando que o Banzo não se restringia a negros recém-chegados de viagem nos navios negreiros.” (DALGALAR-RONDO, Paulo; SANTOS, Sílvia Maria Azevedo dos; ODA, Ana Maria Raimundo. A psiquiatria transcultural no Brasil: Rubim de Pinho e as “psicoses” da cultura nacional. In *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v. 25. n. 1. São Paulo: Associação Brasileira de Psiquiatria Mar. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462003000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462003000100015&lng=en&nrm=iso)>. último acesso em 27/04/2019. Excerto extraído da sexta nota de rodapé no trabalho. Trecho entre colchetes por mim.) “Não seriam os sintomas do banzo, como pássaros que vêm bater seus bicos no vidro da janela, a dimensão - outra - corrosiva, imanente ao processo maquiínico de subjetivação branco-ocidental-europeu-colonial? Dimensão que diz respeito a uma subjetividade, que, ao assustar-se consigo mesma, ao deparar-se com sua lógica obscura pululando nos corpos banzados dos inúmeros negros e índios [...], faz todo o possível para abafar, evitar, emudecer a faceta corrosiva que ela própria produz?” (MARCASSA, Mariana. *Sons de banzo*. Tese (doutorado em psicologia clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2016. p. 59.)

<sup>55</sup> “Eu me lembro de ser pega falando espanhol no recreio - o que era motivo para três bolos no meio da mão com uma régua afiada. Eu me lembro de ser man-

dada para o canto da sala de aula por “responder” à professora de inglês quando tudo o que eu estava tentando fazer era ensinar a ela como pronunciar meu nome.” (ANZALDUÁ, Gloria. Como domar uma língua selvagem. In *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da língua portuguesa*. n. 39. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2009. p. 305.)

<sup>56</sup> “A voz de minha bisavó ecoou / criança / nos porões do navio. / Ecoou lamentos / de uma infância / perdida. / A voz de minha avó / ecoou obediência / aos brancos donos de tudo. / A voz de minha mãe / ecoou baixinho revolta / no fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas / roupagens sujas dos / brancos / pelo caminho empoeirado / rumo à favela. / A minha voz ainda / ecoa versos perplexos / com rimas de sangue / e / fome. / A voz de minha filha / recolhe todas as nossas vozes / recolhe em si / as vozes mudas caladas / engasgadas nas gargantas.” (EVARISTO, Conceição. *Vozes-mulheres*. In *Cadernos Negros*. n. 13. São Paulo: Quilombhoje. 1990. p. 32-33.)

<sup>57</sup> “[...] o “monstro” português me assombrava todos os dias. Todos os dias era uma pressão diferente para eu aprender a escrever direito, para eu saber que os verbos não são todos no infinitivo, para eu saber que as preposições são necessárias, para eu saber quando usar porque, por que, porquê ou por quê - até hoje tenho dificuldades.” (MURTA, Michelle Andréa. Eu, eu mesma e o português: experiência dos meus (des)encontros com a língua portuguesa. In *Revista X*. v. 13. n. 1. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2018. p. 256.)

<sup>58</sup> “O que muitos estudos empreendidos por diversos pesquisadores têm mostrado é que os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se serve exclusivamente da língua-padrão. Como diz Maurizio Gnerre em seu livro *Linguagem, escrita e poder*, a Constituição afirma

que todos os indivíduos são iguais perante a lei, mas essa mesma lei é redigida numa língua que só uma parcela pequena de brasileiros consegue entender.” (BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. São Paulo: Edições Loyola. 2007. p. 16.)

<sup>59</sup> “Todo idioma é um modo de pensar, dizem Damourette e Pichon. E o fato de o negro recém-chegado adotar uma linguagem diferente daquela da coletividade em que nasceu, representa um deslocamento, uma clivagem. O professor Westermann, em *The African Today*, escreveu que existe um sentimento de inferioridade entre os negros, principalmente entre os “evoluídos”, que eles tentam permanentemente eliminar. A maneira empregada para fazê-lo – acrescenta – é freqüentemente ingênua: “Usar roupas européias ou trapos da última moda, adotar coisas usadas pelos europeus, suas formas exteriores de civilidade, florear a linguagem nativa com expressões européias, usar frases pomposas falando ou escrevendo em uma língua européia, tudo calculado para obter um sentimento de igualdade com o europeu e seu modo de existência.”” (FANON, Franz. *O negro e a linguagem*. In *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 39.) “Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. O antilhano que quer ser branco o será tanto mais na medida em que tiver assumido o instrumento cultural que é a linguagem.” (FANON, Franz. *O negro e a linguagem*. In *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 50.) “Ao usar uma linguagem emprestada que é, além do mais, destituída de brilho exterior, quaisquer que possam ser suas qualidades intrínsecas, o importante é afirmar a integridade de sua pessoa diante de brancos imbuídos dos piores preconceitos raciais, cuja arrogância torna-se cada vez mais injustificada.” (LEIRIS, Michel. *Martinique, Guadeloupe, Haïti*. In *Les Temps Modernes*. n. 52. fevereiro de 1950. Paris: Gallimard. p. 1347. apud FANON, Franz. *O negro e a linguagem*. In *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 42.)

<sup>60</sup> “Estudantes Negr\_s são persistentemente convidad\_s para voltarem para ‘seus lugares’, ‘fora da academia’, nas margens, onde seus corpos são vistos como ‘adequad\_s’ e ‘em casa’. Tais comentários agressivos são demonstrações frutíferas de poder, de controle e intimidação que certamente são bem sucedidas em silenciar vozes oprimidas. São bem sucedidas, aliás, ao ponto de eu me lembrar que eu parei de escrever por mais de um mês. Eu me tornei temporariamente sem voz. Eu tive um white-out, e eu aguardava por um Black-in. [...] Eu, como uma mulher Negra, escrevo com as palavras que descrevem minha realidade, não com as palavras que descrevem a realidade de um\_ estudante branc\_, pra gente escrever parte de lugares diferentes. Eu escrevo da periferia, não do centro. E esse é também o lugar de onde eu teorizo, enquanto situo o meu discurso dentro de minha própria realidade. Assim, os discursos d\_s pesquisadores Negr\_s costumam emergir de forma poética e teórica que transgridem a clássica linguagem da academia. Um discurso que é tanto político quanto pessoal e poético, como os escritos de Frantz Fanon ou os da bell hooks. Essa deveria ser a preocupação primária da educação decolonial “oferecer a oportunidade para a produção alternativa de conhecimento emancipatório, como Irmgard Staeuble sustenta, para transformar, “as configurações de conhecimento e de poder com o intuito de abrir novos campos de teorização e prática”. Como escritor\_s Negr\_s e acadêmic\_s, nós estamos transformando as configurações tanto do conhecimento quanto dos poderes enquanto nos movemos entre os limites opressivos, entre a margem e o centro. Essas transformações se refletem em nossos discursos. Quando produzimos conhecimento, argumenta bell hooks, nossos discursos incorporam não apenas as palavras de luta, mas ainda as de dor - a da dor da opressão. E quando escutam nossos discursos, pode-se ouvir ainda a dor e a emoção contida nessas fraturas/nesses rompimentos, ela argumenta, de ainda sermos \_s excluíd\_s dos espaços em que acabamos de “chegar”, e nos quais mal podemos “perma-

necer”.” (KILOMBA, Grada. *Plantation Memories. Episode of Everyday Racism*. Münster: Unrast. 2016. p. 29-31. apud LÍZIA, Millena. *FAÇO FAXINA: bases contraontológicas para um começo de conversa sobre uma experiência epidérmica imunda*. Dissertação de Mestrado em Estudos dos Processos Artísticos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes. Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2018. p. 162-163. Tradução da autora.)

<sup>61</sup> “Por que abandonar X/@: 1. É impronunciável, e, portanto, inaplicável à linguagem falada. Quando *qualquer pessoa*, inclusive você, e mesmo outras pessoas que escrevem de maneira “neutra”, lê “*amigx*”, das duas, uma: ou a voz na cabeça da pessoa diz “*amigxis*” ou “*amigo*” mesmo. E daí o “x” não cumpriu seu propósito. 2. Não é inclusivo para deficientes visuais ou auditivos, justamente por serem impronunciáveis e acabarem sendo meros recursos visuais. 3. Não é passível de ser utilizado no mundo fora da bolha da internet, sendo, portanto, extremamente elitista. Você nunca vai ver uma sentença, uma propaganda, um edital ou uma revista utilizando X/@, e com razão—porque a maior parte da população, ao se deparar com um “*carxs amigxs*” apertaria os olhos e leria de novo pra ter certeza de que não está com problemas de leitura. 4. Isso dificulta, e muito, a vida de quem tem dislexia e dificuldades de leitura. 5. Não resolve o problema do sexismo na linguagem porque não mexe em sua estrutura.” (QG FEMINISTA. Escrever com “x” não é linguagem neutra. In *QG Feminista*. 13 de novembro de 2017. Disponível em <<https://medium.com/qg-feminista/escrever-com-x-n%C3%A3o-%C3%A9-linguagem-neutra-f40f715c0b29>> último acesso em 22/04/2019.)

<sup>62</sup> “É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade lingüísti-

ca de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão. O reconhecimento da existência de muitas normas lingüísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja conseqüente com o fato comprovado de que a norma lingüística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma lingüística empregada no cotidiano é uma variedade de português não-padrão.” (BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico*. São Paulo: Edições Loyola. 2007. p. 17-18.)

<sup>63</sup> “O livro... me fascina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiou os meus pensamentos. Evitando os abismos que encontramos na vida. Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro, é a bússola que ha de orientar o homem no porvir ...” (JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã. 1996. p. 167.)

<sup>64</sup> “E aquilo que nesse momento se revelará aos povos / Surpreenderá a todos não por ser exótico / Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto / Quando terá sido o óbvio” (VELOSO, Caetano. Um índio. In *Bicho*. São Paulo: Universal Music Ltda. 1977. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=n1ZRbRKHOo&list=PLrt7VbxNS8rdtohxCRptvicF9K2FSWwWp&index=5>> último acesso em 27/04/2019.)

<sup>65</sup> “me parece emblemático de un tipo de lectura en Hispanoamérica que consiste en “no querer conocer” [...] planteos de género, sobre todo cuando ilumina, es decir vuelve reconocibles, sexualidades que hacen entrar en crisis representaciones de género convencionales, cuestionando su binarismo utilitario; un tipo de lectura que perpetuamente desplaza el debate sobre el género y sobre la crisis de representación del género al más afuera

de los proyectos de cultura nacional. Previsiblemente, en el caso de Sarmiento, después de este incidente de Juan Fernández [quando Sarmiento - um missivista em viagem no século XIX, do Chile, rumo à Europa - comentou seu incômodo em relação a um dos homens viventes numa ilha chamada *Más-afuera*, que falava muito, e que foi lido por ele como afeminado, como um afrancesado, que falava muito como uma mulher], se vuelve a la vía recta del viaje latinoamericano a Europa. La noción de que el desvío queda fuera de la reflexión provechosa, en el más afuera de la nación, se confirma en el juicio de Antonino Aberastáin, corresponsal de Sarmiento. Aberastáin opina que “[la] carta de la Isla de Más-afuera no vale gran cosa” y aconseja a Sarmiento “que en adelante escriba sobre cosas útiles, prácticas, aplicables a la América.” (MOLLOY, Sylvia. La cuestión del género: propuestas olvidadas y desafíos críticos. In *Revista Iberoamericana*. v. LXVI. n. 193. Outubro-dezembro 2000. p. 817. Trecho em português entre colchetes por mim.)

<sup>66</sup> Luís de Camões [1524-1579 ou 1580] foi um poeta português.

<sup>67</sup> “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela

escolha da matéria narrada. A nossa escrivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2007. p. 21.)

<sup>68</sup> “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.” (FANON, Franz. O negro e a linguagem. In *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 33.)

<sup>69</sup> “Podemos sorrir, nada mais nos impede / Não dá pra fugir dessa coisa de pele / Sentida por nós, desatando os nós / Sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora / É a nossa canção pelas ruas e bares / Nos traz a razão, lembrando palmares” (ARAGÃO, Jorge. Coisa de pele. Rio de Janeiro: Som Livre. 1986. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BEenV2FECik>> último acesso em 05/04/2019.)

<sup>70</sup> Cf. SANTIAGO, Daniel. *O Brasil é o meu abismo*. Reprodução fotográfica sobre papel. s.d. Coleção Museu de Arte do Rio / Fundo Orlando Nóbrega.

<sup>71</sup> “Não querer dizer, não saber o que se quer dizer, não poder dizer o que se acredita que se quer dizer, e sempre dizer ou quase, isto é que é importante não perder de vista, no calor da redação.” (BECKETT, Samuel. *Molloy*. São Paulo: Editora Globo. 2014. p. 49.)



## Referências

ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1972. p. 4-10.

ANJOS, Moacir dos (curadoria); LOPES, Fernanda (curadora assistente). *Arte, Democracia Utopia - Quem não luta tá morto*. Exposição coletiva realizada no Museu de Arte do Rio entre 14 de setembro de 2018 e 31 de março de 2019.

ANZALDUÁ, Gloria. Como domar uma língua selvagem. In *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, n. 39. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2009. p. 297-309.

ARAGÃO, Jorge. *Coisa de pele*. Rio de Janeiro: Som Livre. 1986. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BEenV2FECik>> último acesso em 05/04/2019.

ARINO, Babalô Marcos. Ori o guardião do nosso destino - Orientações e explicações de como entender, se equilibrar e viver melhor através de Ori. In *Revista Olorun*. n. 45. Dezembro 2016. p. 6-19. Disponível em <<https://revistaolorun.files.wordpress.com/2018/10/revista-olorun-45.pdf>> último acesso em 04/04/2019.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. São Paulo: Edições Loyola. 2007.

BASBAUM, Ricardo. O artista como pesquisador. In *Manual do Artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue. 2013. p. 193-201.

BECKETT, Samuel. *Molloy*. São Paulo: Editora Globo. 2014.

*BEHIND The Curve*. Direção: Daniel J. Clark. [s.l.]: Netflix. 2019. Disponível em <<https://www.netflix.com/br/>> último acesso em 28/04/2019. 96 minutos.

CARTA EDUCAÇÃO. “As universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual”, diz ministro da educação. In *Carta Educação - Carta Capital*. São Paulo: Editora Confiança. 28 de janeiro de 2019. Disponível em <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/as-universidades-devem-ficar-reservadas-para-uma-elite-intelectual-diz-ministro-da-educacao/>> último acesso em 22/04/2019.

DALGALARRONDO, Paulo; SANTOS, Sílvia Maria Azevedo dos; ODA, Ana Maria Raimundo. A psiquiatria transcultural no Brasil: Rubim de Pinho e as “psicoses” da cultura nacional. In *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v. 25. n. 1. São Paulo: Associação Brasileira de Psiquiatria. Mar. 2003. p. 59-62. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462003000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462003000100015&lng=en&nrm=iso)>. último acesso em 27/04/2019.

DOOLEY, Robert A.; FLORENTINO, Nelson; VERÍSSIMO, Arlindo Tupã; VERÍSSIMO, Sebastião Poty et al. *Léxico guarani, dialeto mbyá*. Curitiba: Sociedade Internacional de Lingüística, 1998. Disponível em <[http://www.geocities.ws/indiosbr\\_nicolai/dooley/gndc.html](http://www.geocities.ws/indiosbr_nicolai/dooley/gndc.html)> último acesso em 17/03/2019.

D’SALETE, Marcelo. *Angola Janga: uma história de Palmares*. São Paulo: Veneta. 2017.

EL EFECTO. Pedras e Sonhos. In *Pedras e Sonhos*. Rio de Janeiro: [produção independente]. 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=EKPceNEVLo>> último acesso em 25/04/2019.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In *Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2007. p 16-21.

EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. In *Cadernos Negros*. n. 13. São Paulo: Quilombhoje. 1990. p. 32-33.

FANON, Franz. O negro e a linguagem. In *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 33-51.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes. 1987.

GONZALEZ, Lélia. Lélia fala de Lélia. In *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC. v. 2. n. 2. 1994. p. 383-386.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In *Revista Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Anpocs. 1984. p. 223-244.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. In *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC. v. 3. n. 2. 1995. p. 464-478.

ITAÚ CULTURAL. Exílio. In *Ocupação Abdias Nascimento*. São Paulo: Itaú Cultural. 2016. Disponível em <<http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/exilio/>> último acesso em 22/04/2019.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã. 1996.

KILOMBA, Grada [tradução: DE JESUS, Jessica Oliveira]. *A Máscara*. In *Cadernos De Literatura Em Tradução*. n. 16. São Paulo: FFLCH/USP. 2016. p. 171-180. Disponível

em <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286>> último acesso em 09/04/2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

KRENAK, Ailton; COHN, Sergio (Org.). *Encontros | Ailton Krenak*. Rio de Janeiro: Azougue. 2015.

LÍZIA, Millena. *FAÇO FAXINA: bases contraontológicas para um começo de conversa sobre uma experiência epidérmica imunda*. Dissertação de Mestrado em Estudos dos Processos Artísticos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes. Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2018.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARCASSA, Mariana. *Sons de banzo*. Tese (doutorado em psicologia clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2016.

MARQUES, Marília. Indígenas fecham parte da Esplanada dos Ministérios em protesto do Acampamento Terra Livre. In *G1 - DF*. 26 de abril de 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/04/26/indigenas-fecham-parte-da-esplanada-dos-ministerios-em-protesto-do-acampamento-terra-livre.ghml>> último acesso em 27/04/2019.

METÁ METÁ. Obá Iná. São Paulo: *Desmonta*. 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zODbiRuHpsQ>> último acesso em 23/04/2019.

MOLLOY, Sylvia. La cuestión del género: propuestas olvidadas y desafíos críticos. In *Revista Iberoamericana*. v. LXVI. n. 193. Outubro-dezembro 2000. p. 815-819.

MURTA, Michelle Andréa. Eu, eu mesma e o português: experiência dos meus (des)encontros com a língua portuguesa. In *Revista X*. v. 13. n. 1. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2018. p. 255-258.

NASCIMENTO, Milton. Nos bailes da vida. In *Caçador de mim*. São Paulo: Ariola. 1981. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=djapqytpvuw>> último acesso em 25/04/2019.

NAZARETH, Paulo. Panfleto em papel jornal, de dimensões de 14.8 X 21 cm., feito pelo artista visual. O adquirei em distribuição gratuita na exposição *Arte, Democracia Utopia - Quem não luta tá morto*, realizada no Museu de Arte do Rio entre 14 de setembro de 2018 e 31 de março de 2019.

OKOUDOWA, Bruno. Experiência de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil. In *Anais do I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Simpósio 13 - Experiências de aprendizado do português no Brasil e fora do Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2008. Disponível em <<http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S1301.pdf>> último acesso em 23/04/2019.

PESSOA, Fernando. Navegar é Preciso. In *Jornal de poesia*. Disponível em <<http://jornaldepoesia.jor.br/fpesso05.html>> último acesso em 25/04/2019.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. *Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03*. 93f.; enc. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2017.

QG FEMINISTA. Escrever com “x” não é linguagem neutra. In *QG Feminista*. 13 de novembro de 2017. Disponível em <<https://medium.com/qg-feminista/escrever-com-x-n%C3%A3o-%C3%A9-linguagem-neutra-f40f715c0b29>> último acesso em 22/04/2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina. 2009. p. 73-117.

RACIONAIS MC'S. Vida Loka II. In *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*. v. 2. São Paulo: Cosa Nostra. 2002. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ef6dPbX8NuE>> último acesso em 25/04/2019.

RAMOS, Bruno. *O Uso de Transferências em Narrativas Produzidas em Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (mestrado). 141 p. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. 2017.

RAYMOND, Eric Steven. Como se tornar um Hacker. In *Rede Linux IME USP*. 05/06/1998. Disponível em <<https://linux.ime.usp.br/~rcaetano/docs/hacker-howto-pt.html>> último acesso em 10/04/2019.

SANTIAGO, Daniel. *O Brasil é o meu abismo*. Reprodução fotográfica sobre papel. s.d. Coleção Museu de Arte do Rio / Fundo Orlando Nóbrega.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos - ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco. 2000.

SEMOG, Elé. Na literatura negra, a vida é só um poema de luta. In *O que nos a bala*. Disponível em <<https://www.oquenosabala.com/literatura-negra.html>> último acesso em 17/03/2019.

SILVA, Mariza Vieira da. *História da alfabetização no Brasil: a constituição de sentidos e do sujeito da escolarização*. 1998. 267f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em <<http://www.ucb.br/sites/100/165/TeseseDissertacoes/HistoriadaalfabetizacaoBrasil.pdf>> último acesso em 08/04/2019.

UMBANDA.

VELOSO, Caetano. Um índio. In *Bicho*. São Paulo: Universal Music Ltda. 1977. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-n1ZRbRKHOo&list=PLrt7VbxNS8rdtohxCRptvicF9K2FSWwWp&index=5>> último acesso em 27/04/2019.